

DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIOSIDADE: O CELIBATO COMO POSSIBILIDADE DE SUBLIMAÇÃO

Hayssa Aparecida Faria Silveira¹
Faculdade Santo Antônio de Pádua - FASAP

Resumo: O celibato divide opiniões, concordando ou discordando com tal escolha de vida, o fato é que existem pessoas que escolhem viver desta forma. Em termos gerais, consiste na permanência como pessoa solteira, sem envolvimento em relações românticas e sexuais, direcionando-se para outras atividades consideradas relevantes para si. Geralmente, a vivência do celibato encontra-se ligada às religiões e suas respectivas espiritualidades, dessa maneira, sendo parte integrante das produções culturais do ser humano ao longo do tempo. Psicanálise e celibato, a princípio, podem parecer excludentes, uma vez que a sexualidade é tema principal dos estudos psicanalíticos, desde Freud até os mais contemporâneos. Popularmente, expandiu-se a ideia de que a sexualidade está somente ligada ao ato sexual. No entanto, para a psicanálise, vale ressaltar que, por sexualidade humana, entende-se não somente o ato sexual, mas toda a vida psíquica do sujeito. A sublimação é o conceito psicanalítico que se encarrega de abarcar as atividades humanas que, em um primeiro momento, parecem não estar diretamente relacionadas com a sexualidade, como as produções culturais, artísticas e religiosas, por exemplo. O presente artigo dialoga entre celibato e psicanálise, sobretudo como possibilidade de sublimação, buscando uma interlocução entre o que o ser humano atribui como sublime e a sublimação, com base no conceito de pulsão e em seus possíveis destinos, postulados por Freud, além de se valer de outros autores importantes para a psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise; Celibato; Sublimação.

DIALOGUES BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND RELIGIOSITY: CELIBACY AS A POSSIBILITY OF SUBLIMATION

Abstract: Celibacy divides opinions, agreeing or disagreeing with such a choice of life, the fact is that there are people who choose to live this way. In general terms, it consists of remaining a single person, without involvement in romantic and sexual relationships, directing oneself to other activities considered relevant to oneself. Generally, the experience of celibacy is linked to religions and their respective spiritualities, thus being an integral part of the cultural productions of human beings over time. Psychoanalysis and celibacy, at first, may seem mutually exclusive, since sexuality is the main theme of psychoanalytic studies, from Freud to the most contemporary ones. Popularly, the idea that sexuality is only linked to the sexual act has expanded. However, for psychoanalysis, it is worth mentioning that, by human sexuality, it is understood not only the sexual act, but the entire psychic life of the subject. Sublimation is the psychoanalytic concept that is responsible for encompassing human activities that, at first, seem not to be directly related to sexuality, such as cultural, artistic and religious productions, for example. This article dialogues between celibacy and psychoanalysis, especially as a possibility of sublimation, seeking an interlocution between what the human being

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

attributes as sublime and sublimation, based on the concept of drive and its possible destinations, postulated by Freud, in addition to to avail of other important authors for psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Celibacy; Sublimation.

¹hayssaaparecida@gmail.com

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana estende-se para além do ato sexual, visto que é compreendida pela psicanálise como uma vasta experiência que o ser humano tem de se relacionar afetivamente ou prazerosamente com outras pessoas e também com o mundo. As numerosas atividades humanas capazes de proporcionar prazer, que se cumprem por meio da cultura, identificam-se como formas de sublimação. Nesse sentido, o desejo sexual que não é concretizado pelo ato sexual, é redirecionado, buscando obter prazer, por outros meios. Havendo, portanto, inúmeras formas de sublimação. Encontram-se nesse cenário, por exemplo, a arte, a ciência e a religião.

Assim como outras manifestações culturais, cada composição religiosa nasce da tentativa de saciar o desejo humano. No tocante às religiões, ocorre por meio da própria crença, dos ritos religiosos, das relações em comunidade e com o deus da religião. Além das citadas, existem outras manifestações de sublimação relacionadas à religião. O celibato, apoiado em crenças religiosas, empenha-se em direcionar a energia sexual para fins considerados nobres, tais como: o amor e devoção às respectivas divindades, o fortalecimento das relações de amizade na comunidade religiosa, a uma especial dedicação ao estudo das literaturas admitidas como sagradas, ao desenvolvimento espiritual, à tenacidade nas meditações ou orações, entre outros.

Cada sujeito e sistema religioso concede características próprias à vida celibatária. Na vida celibatária, a procura pela satisfação se dá a partir de atividades e relações que aparentemente estariam rompendo com o âmbito da sexualidade, mas, na realidade,

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

caracterizam-se por serem somente caminhos alternativos para as tentativas de saciar o desejo. Por razões diversas, o número de celibatários cresce gradativamente na sociedade (MALANQUINI, 2007). Para os fins do artigo, pensa-se na possibilidade de contribuir com uma perspectiva no campo da Psicologia, pela via psicanalítica, sobre o celibato nas culturas. Dado que existem pesquisas sobre os mais variados temas, no entanto, com relação ao celibato são encontradas pouquíssimas produções. Verifica-se, portanto, a quase inexistência de estudos sobre a importância das religiosidades para alguns sujeitos a tal ponto de optarem pelo celibato e, em especial, uma ignorância – um não saber – a respeito das vivências celibatárias enquanto legítimas possibilidades de existência.

Diante do exposto, a presente pesquisa pretende investigar se o celibato pode ser considerado uma forma de sublimação, a partir da perspectiva psicanalítica, utilizando-se da revisão sistemática de literatura. Ao mesmo tempo, empreende conceituar a sexualidade humana e apresentar a definição psicanalítica de sublimação; identificar as produções religiosas como agentes sublimantes, destacando o celibato nas religiões; e, por fim, propor o celibato como possibilidade de sublimação.

A SEXUALIDADE HUMANA E O CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO

Em toda obra psicanalítica, o tema da sexualidade é amplamente explorado, assumindo contornos relevantes para a compreensão a respeito do ser humano, de seus complexos desejos e possíveis rumos para serem direcionados. Compreende-se, a partir do ponto de vista psicológico, que a sexualidade ocupa um amplo e importante espaço na vida do ser humano, não se restringindo apenas ao ato sexual, fazendo-se presente nos gostos pessoais, afetos, costumes e nas mais diversas atividades humanas, mesmo naquelas que aparentemente não possuem nenhuma relação com a sexualidade, como aquelas que se voltam para a cultura. Um dos conceitos centrais concebidos por Sigmund Freud, o precursor da Psicanálise, é a pulsão. Para Marco Antonio Coutinho “com a pulsão,

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

na verdade, Freud introduz um conceito radicalmente novo para abordar a sexualidade humana e sem o qual esta restaria inteiramente enigmática” (JORGE, 2005, p. 21).

Com o advento do conceito de pulsão, Freud busca evidenciar a diferença entre a sexualidade animal que se caracteriza pelo instinto, portanto, mais voltada para o biológico ou comportamental, não apresentando distinção entre os animais da mesma espécie, e a sexualidade humana que, por sua vez, se manifesta de formas mais complexas (JORGE, 2005). É a partir da pulsão que, do ponto de vista de Freud, o ser humano consegue gerar movimento em sua vida, seja em direção às realizações ou até mesmo para suprimir ações.

Cada pessoa dará direcionamentos à sua pulsão ao longo da vida, de forma individual e singular, com um único objetivo: satisfazê-la. Para conseguir chegar à meta, não existe um objeto fixo, variados podem ser os meios pelos quais se alcança a satisfação pulsional.

Se faz importante destacar que a pulsão, ao contrário do instinto, “seria um estímulo para o psíquico” e, por conseguir se satisfazer de várias formas, não possui somente um destino, mas sim destinos, que podem se desdobrar em: reversão ao contrário, retornar à mesma pessoa, recalcar ou sublimar (FREUD, 1915, p. 35). Considerando que os outros destinos são possíveis, em vista do tema se voltar somente a um deles, seguiremos com a possibilidade de sublimar. Sobre o conceito de sublimação, Laplanche e Pontalis (1967, p. 638) ressaltam que:

Freud, ao longo de toda a sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual: por exemplo a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma dada sociedade confere grande valor.

O mecanismo sublimatório surge no período de latência, que tem seu início ainda na infância, pouco antes da puberdade, assim como Freud descreve em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), quando as pulsões sexuais são canalizadas para atividades

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

que tenham fins civilizatórios, sobretudo nas atividades escolares, visto que a escola ocupa um espaço central nessa fase, sendo de importante contribuição para que os sujeitos encontrem subsídios que os tornem capazes de produzir elementos culturais e intelectuais ao longo do tempo.

A sublimação, portanto, apresenta-se como um dos destinos pulsionais, sendo aquele que abarca as atividades humanas direcionadas ao campo civilizatório. Ainda segundo Laplanche e Pontalis (1967, p. 638): “o termo ‘sublimação’, introduzido por Freud em *Psicanálise*, evoca ao mesmo tempo o termo ‘sublime’, especialmente usado no domínio das belas-artes para designar uma produção que sugira a grandeza, a elevação [...]”. Outros pensamentos complementam essa concepção desse importante conceito psicanalítico já que “várias definições do termo sublimar ligam-se à ideia de ascensão, de verticalidade e de transcendência, ideia essa trabalhada por Marco Antonio Coutinho Jorge.” (MENDES, 2011, p. 56)

A palavra desvio sempre aparece, nos escritos de Freud, para se referir ao mecanismo de sublimação sugerindo uma ideia de ir além, já o recalque, outro destino pulsional, tende a ser mencionado com o termo afastar-se (JORGE, 2005 *apud* MENDES, 2011). Desta forma, pode-se considerar como um desvio da forma de satisfação pulsional direta, que seria o ato sexual em si mesmo, buscando realizá-la por outros caminhos mais voltados para finalidades culturais que, em um primeiro momento podem parecer distantes da sexualidade, mas que não perdem a intensidade (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967).

Há a possibilidade de se pensar que, por não existir correlação direta às expressões da sexualidade, se perca o desejo ao sublimar. No entanto, o fundamento desse pensamento apresenta-se como um equívoco, uma vez que, como dito anteriormente, a sublimação é um desvio que acontece com a presença de intensidade. E é em direção à noção de que o desejo está intimamente atrelado ao ato de sublimar, que Joel Birman (1998 *apud* MENDES, 2011, p. 60) evidencia:

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

Como Possibilidades da Sublimação Joel Birman, em seu artigo *Psicanálise, uma leitura de Eros e Civilização* (1998) quando aborda A Imaginação, a fantasia e o sublime, afirma que o erotismo não é contrário à sublimação. O desejo faz parte das criações humanas e elas não são o que resta diante da restrição do desejo. Ao contrário, o desejo impulsiona a criação.

Apesar de ser o precursor desse imprescindível conceito, Freud não teve tempo vital para dar seguimento ao seu pensamento e, por conta disso, será preciso recorrer também às importantes contribuições de Jacques Lacan para o entendimento da sublimação.

Em Lacan, se revela de forma mais aprimorada o que Freud já dizia sobre a impossibilidade de um objeto satisfazer totalmente a pulsão, visto que sempre existe uma falta entre a satisfação que já se obteve e a que ainda se anseia obter, ou seja, nunca será plena (JORGE, 2005). A recorrente falta de um objeto que preencha a vida do ser humano bem como a constante busca por saciar a pulsão, sem conseguir alcançá-la plenamente, são pontos marcantes na Psicanálise e, por consequência, na sublimação também, visto que é um dos mais importantes conceitos que a integram.

Ainda segundo Marco Antonio Coutinho Jorge (2005, p. 156): “Lacan, com efeito, permite que se precise o que significa a concepção freudiana da sublimação, como a passagem do alvo sexual da pulsão para um alvo não-sexual, e a define como sendo a elevação do objeto à dignidade da Coisa”. Em vista disso, é que se desdobra a plasticidade sexual, característica inerente à sexualidade humana e que possibilita o ato de sublimar, uma vez que só o ser humano tem essa capacidade devido a sua alta complexidade. Dessa maneira, para Lacan, a sublimação é o destino pulsional que ascende a pulsão à sua condição original, que é a impossibilidade de conseguir satisfazê-la por meio de um único objeto, sendo necessário recorrer e criar outras formas de satisfação (JORGE, 2005).

RELIGIOSIDADES E CELIBATO: A CULTURA COMO SUBLIMANTE

É recorrendo à cultura, característica particular do ser humano em virtude de sua complexidade criativa, que faz-se possível conceber as mais distintas maneiras para buscar

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

satisfazer a pulsão. Por cultura, segundo Freud (1930, p. 55), entende-se a “estima e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas, das realizações intelectuais, científicas e artísticas, do papel dominante que é reservado às ideias na vida das pessoas”. O arsenal cultural é criação que nasce, no âmago do ser humano, percorrendo os meios civilizatórios. De tal maneira que cultura e sublimação se interligam, na medida em que possui a capacidade de proporcionar prazer por meio de atividades que envolvam os aspectos intelectuais e psíquicos (FREUD, 1930).

Em seu artigo *Sexualidade e Celibato: Considerações Psicanalíticas*, Carlos Dominguez Morano (2006, p. 51, tradução nossa) menciona alguns exemplos de sublimação:

Do prazer experimentado pela criança que brinca colocando nele uma imaginação que nenhum animal jamais poderia igualar, ao engenheiro que se emociona ao ver um caminhão potente atravessar a ponte que ele construiu pela primeira vez; do estremecimento da escultora que se afasta extasiada ao constatar a vida que injetou em um pedaço de mármore, ao religioso que chora invadido pela felicidade e pela convicção de que recebe a visita de seu Deus. Muito carinho, muita paixão, muito prazer em tudo isso. Muita energia também é usada na conquista daquelas satisfações que, além de outras avaliações de natureza filosófica ou teológica que podem ser realizadas, implicam alguns componentes somáticos, emocionais, afetivos, que a psicanálise nos relaciona com desejo e com uma modalidade do mesmo que reconheceu com o termo de sublimação.¹

Complementando, segundo Orlando Cruxên (2000, p. 60), “a entrada do sujeito na civilização implica a ordem simbólica onde a demanda se ancora na linguagem e se faz desejo. A fixação pulsional em determinados objetos e alvos é convocada a se desfazer e a percorrer uma via sublime.” Nomeando o destino sublimatório como sublime, vale

¹ No original: Desde el disfrute que experimenta el niño que juega poniendo en ello una imaginación que ningún animal podría jamás equiparar, hasta el ingeniero que se emociona viendo a un potente camión atravesar por primera vez el puente que levantó; desde el estremecimiento de la escultora que se aleja extasiada al constatar la vida que inyectó en una pieza de mármol, hasta el religioso que llora invadido por la felicidad y el convencimiento de estar recibiendo la visita de su Dios. Mucho afecto, mucha pasión, mucho placer en todo ello. Mucha energía también empleada en la conquista de esas satisfacciones que, al margen de otras valoraciones de carácter filosófico o teológico que se puedan llevar a cabo, implican unos componentes somáticos, emocionales, afectivos, que el psicoanálisis nos relacionó con el deseo y con una modalidad del mismo que reconoció con el término de sublimación.

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

ressaltar, não procura-se desmerecer a via direta que busca a satisfação, isto é, o ato sexual, qualificando-o como frívolo. O que empenha-se com esse termo é uma articulação entre sublime e sublimação.

No caso do presente artigo, através das possíveis correspondências entre o celibato enquanto prática religiosa, submetendo-se, portanto, a um dos sentidos de sublime – transcendente – e a sublimação. Uma vez que, independente de convicções pessoais acerca dos grupos filosóficos e religiosos, é imprescindível constatar que trata-se de desviar a pulsão para o campo civilizatório (FREUD, 1930).

Devido à impossibilidade de abarcar a totalidade, a partir deste momento, pretende-se apresentar algumas religiões ao longo da história, que cultivam perspectivas acerca do celibato enquanto religiosidade. Possivelmente, existiram muitas outras que não possuem registro histórico. Segundo Champlin (2002, p. 692): “a palavra celibato vem do termo latim *caelebs*, solteiro. O celibato pode ser voluntário ou involuntário, podendo estar apoiado ou não sobre razões religiosas.” O contexto do celibato involuntário, popularmente conhecido pelo termo *incel*, não será abordado nesta ocasião, no entanto, vale ressaltar que atualmente, em maior parte, refere-se a homens que apresentam questões conflituosas de timidez e ódio contra as mulheres, acarretando impossibilidades psicológicas e emocionais para manter relações sociais e afetivas (BRUNET, 2021).

Em contrapartida, a pessoa celibatária voluntariamente, é aquela que opta por permanecer solteira, vivendo sem manter relações sexuais e laços matrimoniais. Por diversas vezes, tal vivência do celibato encontra-se unida às religiões e suas respectivas religiosidades, dessa maneira, sendo parte integrante das produções culturais do ser humano ao longo do tempo.

Nas antigas culturas greco-romanas, nota-se que existia uma preocupação em conservar a fertilidade, portanto, o celibato ocupava pouco ou nenhum espaço na sociedade, sendo permitida a prática somente por tempo limitado e visando retomar as atividades sexuais o quanto antes. Para as mulheres, culturalmente, era fundamental que

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

se casassem e formassem famílias, com exceção somente de sacerdotisas que veneravam a deusa romana Vesta, responsável por abençoar os lares dos cidadãos (CHAMPLIN, 2002).

Em questões relacionadas às divindades cultuadas, haviam aquelas constituídas celibatárias, por outro lado, tal prática integrada à civilização humana era vista como desprezível. De forma semelhante, os hebreus compreendiam o casamento sendo o melhor caminho, ao ponto de tornar-se um dever social. Em nenhuma circunstância homens solteiros eram designados como autoridades religiosas, e as mulheres solteiras e sem filhos eram consideradas pecadoras que recebiam um castigo divino. Com o advento das comunidades judaicas ascéticas, os essênios, a prática celibatária ganhou espaço (CHAMPLIN, 2002).

Em contrapartida, no hinduísmo, segundo Arilson Oliveira (2012), há milhares de anos, deu-se abertura e um significado à vivência do celibato, sobretudo em relação ao período de estudos dos jovens, até os 25 anos de idade, mas que também pode ser seguido em caráter vitalício, após o período previsto, dedicando-se à vida celibatária. O significado do celibato hindu repousa na “limpeza do espírito, da mente e do corpo”.

Sabe-se que o terceiro período de desenvolvimento do hinduísmo, contribuiu em diversos aspectos para o desenvolvimento do atual conjunto de crenças e práticas. A doutrina da reencarnação, por exemplo, surgiu nesse período do hinduísmo. De igual modo, deu-se o início da relação guru-discípulo ou mestre-aluno, que é parte importante do processo de estudos dos jovens, na qual é instruído sob a autoridade espiritual de seu mestre, para aprimorar um bom *carma*, isto é, para alcançar uma boa e justa retribuição na reencarnação (MATHER; NICHOLS, 2000).

Também neste terceiro período, ocorreram revoltas contra os costumes da era anterior. Precisamente nesse contexto surgiu Gautama Buda, elevado como o principal asceta não ortodoxo capaz de ensinar o caminho da iluminação. Foi o estopim para a origem do Budismo. Com o passar do tempo, assim como outras religiões, ramificou-se e

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

atualmente possui dois principais grupos de pensamento: *Teravada* e *Maaiana*, que, posteriormente, também se ramificaram em diversos grupos menores (MATHER; NICHOLS, 2000). Apesar das diferenças, de acordo com Rafael Dias (2018, p. 16), em todos os sistemas de pensamento “sem dúvida a prática do celibato é uma unanimidade dentro da tradição budista, nenhuma escola ousaria questionar sua legitimidade”.

No grupo *Teravada*, não há espaço para a prática sexual, os monges são celibatários, uma vez que a antiga tradição inclui abstenção sexual, sob a justificativa de ser o único caminho de desenvolvimento espiritual, sendo inexistente a possibilidade de um monge casar-se. Nos dias de hoje, exceto nos sistemas mais rígidos como é o caso de *Teravada*, pode-se escolher entre casar-se ou manter-se celibatário. Para o budismo, o sentido do celibato está em preservar a energia sexual e dedicar-se a transmutá-la (DIAS, 2018).

O cristianismo surgiu em ambiente judaico, no tempo de Jesus Cristo, com seus primeiros seguidores. Cresceu unificado até o Grande Cisma, em 1054 d.C, se ramificando em Igreja Católica Romana e Igreja Ortodoxa Oriental. Embora não tenha sido o motivo da ruptura, a prática do celibato se difere entre as duas vertentes no que diz respeito ao clero. Para o catolicismo romano, todo membro do clero é necessariamente celibatário, salvo às “dispensações especiais” que são consideradas exceções à regra. Para os ortodoxos orientais, os bispos são escolhidos entre os monges, estes celibatários, e os sacerdotes das comunidades podem se casar, mas somente antes da ordenação (OLSON, 2001).

Séculos mais tarde, em 1517, com a Reforma Protestante, o cristianismo ocidental também se dividiu. Na visão reformada, o celibato não é determinação aos líderes religiosos, somente seguirá por esse caminho aqueles que perceberem, por meio da consciência e liberdade, como seu chamado. Em todas, com suas nuances, o significado do celibato é de dedicação em amor e serviço ao Reino dos Céus (OLSON, 2001; CHAMPLIN, 2002).

Tendo em vista a apresentação sobre a multiplicidade de religiosidades, torna-se

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

possível perceber que, ao longo do tempo, cada cultura e comunidade religiosa construiu, modificou, se ramificou ou manteve suas concepções acerca do celibato. Como mencionado, a sublimação está intimamente ligada à cultura, visto que concede à pulsão um destino diferente do original, além de possuir a capacidade de proporcionar prazer àquele que sublima, em atividades que aparentam não se relacionar com a fonte de prazer, que é a sexualidade. A partir dessa compreensão, é relevante pontuar que cada religião bem como as respectivas religiosidades, são criações culturais que se apresentam como tentativas de saciar o desejo humano.

Podemos considerar nessa definição, inclusive, o próprio celibato. Ao passo que no casamento as pessoas procuram satisfazer a pulsão diretamente, por meio da união como casal e pelo ato sexual, na vida celibatária também existe a busca pela satisfação pulsional, mas de forma indireta, por outros caminhos, uma vez que:

[...] é uma construção social não ‘naturalizada’, ou seja, o custo da aceitação dessa condição como ‘natural’ ainda é muito alto, embora o que se busque não seja a ‘naturalização’ do celibato, mas sua apreensão despida dos preconceitos e dos estigmas que a ele estão associados, e o entendimento de como é socialmente construído. Tido como um destino natural, o casamento tem seu contraponto no celibato. Enquanto o casamento é visto com um destino previamente desejado, o celibato é visto como um “acidente de percurso”, pois não é costume pensar o celibato enquanto escolha (PERES, 2009, p. 64).

O CELIBATO COMO POSSIBILIDADE DE SUBLIMAÇÃO

Comumente pensa-se que desejo e amor, necessariamente, pertencem somente à esfera da satisfação sexual direta, dando exclusividade ao amor romântico, sobretudo pela instituição do casamento. Seguramente, permanece tal entendimento por ser um caminho recorrente e perceptível para o direcionamento da pulsão. Contudo, pela perspectiva psicanalítica, não é o único.

Para Ana Suy (2022, p. 25) o “amor é uma experiência grande demais para se reduzir a apenas uma modalidade. Há muitas formas de amar e nenhuma delas é exatamente fácil,

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

uma vez que nenhuma delas nos livra da solidão.” Quando falamos de ser humano, é inconcebível encapsular o prazer, o desejo e amor, a somente uma forma, uma vez que a própria sexualidade humana pressupõe a plasticidade. Cada pessoa concede destinos e objetos em busca da meta final que é satisfazer a pulsão, diretamente ou indiretamente, ainda que não seja completamente possível (FREUD, 1915). É nesse sentido que faz-se importante ressaltar as variadas possibilidades para tentar alcançar esse objetivo.

Como evidenciado em Peres (2009), por se tratar de um caminho diferente do natural, pensa-se no celibato como revés ou imprevisto de percurso, que não pode ser desejado. No entanto, como visto anteriormente, por meio dos costumes culturais que concernem aos seres humanos, é que as novas modalidades de desejo são constituídas e asseguradas. Acrescentando a esse entendimento, conforme exposto por Freud em *As pulsões e seus destinos* (1915), ao passo que a meta da pulsão é sempre a satisfação, o objeto é variável e não possui a necessidade de ser algo material ou distinto à própria pessoa. A sublimação é considerada um destino da pulsão “inibido na meta”, uma vez que proporciona um desvio que visa conseguir prazer (NAKASU, 2012, p. 57).

De certa forma, para viver em civilização, todo ser humano encontra-se em constante sublimação, principalmente mediante aos aspectos culturais. Ocorre no celibato, quando escolha do sujeito, um desvio na meta da pulsão sexual em busca da obtenção de prazer. O sujeito, portanto, sublima a pulsão. Da mesma forma que também é sublimada, em outra medida, nas manifestações artísticas, religiosas e culturais daqueles que escolhem satisfazer diretamente o desejo sexual. Entretanto a diferença entre um período em que o sujeito abstém-se de relações sexuais por determinados motivos e um celibatário, por exemplo, reside no fato de que este escolhe esse caminho e encontra prazer nele.

Segundo Freud (1930, p. 65): “o amor que fundou a família continua ativo na civilização, tanto em seu cunho original, em que não renuncia a satisfação sexual direta, como em sua modificação, a ternura inibida na meta”. Por meio do celibato, enquanto religiosidade, a busca por satisfação da pulsão encontra-se em seus significados para cada

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

sistema religioso, porém, sem ignorar a singularidade do sujeito, que se enlaçam enquanto vivências. No hinduísmo, através da dedicação aos estudos sagrados, como também de sua espiritualidade, que repousa no direcionamento à limpeza da mente, do corpo e do espírito. Sobre a relevância da limpeza como traço sublimatório, assegura Freud (1930, p. 54): “beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais”.

Dentro da cultura hindu, essas atividades são consideradas nobres e sublimes, ou seja, princípios socialmente elevados. Através da percepção budista, de forma clara, pode-se perceber uma das principais características da sublimação, visto que o sentido do celibato advém da preservação e transmutação da energia sexual, tendo em vista o desenvolvimento espiritual e experiências místicas (DIAS, 2018). De tal forma, ocorre o desvio da pulsão para um objeto imaterial e valorizado nesta cultura. Nesse contexto, o objetivo em si é efetuado na própria passagem do alvo sexual para o não-sexual, representado pelo progresso espiritual do sujeito.

No enfoque cristão reside, sobretudo, em permanecer solteiro “por amor ao Reino dos Céus” (BÍBLIA, Mateus, 19:12), cuidando “das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor” (BÍBLIA, 1 Coríntios, 7:32). Nesse cenário, faz-se possível uma articulação com a forma de amar que modifica o instinto sexual para um desejo inibido na meta, portanto, dispensando o amor genital como um dos objetivos de vida. Para o sujeito, proporciona um sentimento de ternura e estabilidade, derivando da sexualidade, assim como o amor genital. Entre os mais efetivos nessa via de amor está Francisco de Assis (FREUD, 1930).

Dessa forma, o celibato passa a ser uma maneira de sublimar, ao encontrar prazer sem a satisfação sexual direta, bem como na arte, no esporte e mais diversas atividades humanas em que o psiquismo direciona seu prazer para outras distintas atividades que não se relacionam diretamente à atividade sexual. Para aqueles que não escolhem esse caminho, muitas vezes, pode ser visto como forma de sofrimento e solidão. Entretanto, para a Psicologia interessa a realidade do sujeito, suas percepções e, sobretudo, na Psicanálise,

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

o seu desejo, o que proporciona prazer ao sujeito.

Freud (1930, p. 41) sustenta que “não há, aqui, um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz. Fatores os mais variados atuarão para influir em sua escolha.” Isto é, não existem manuais que englobem todas as formas de prazer humano. As diferentes perspectivas acerca da vida surgem por conta da multiplicidade de formas de viver, colocando o desejo em movimento, direcionando a algo. Ainda nesse entendimento, Ana Suy (2022, p. 56) relembra que “só se ama a partir uma condição de sujeito faltante. Se tenho tudo, nada no outro, seja uma pessoa ou o mundo, me interessa. É preciso que alguma coisa nos falte para que possamos direcionar o olhar para além de nossa imagem”.

No âmbito das religiosidades, sobretudo no celibato, o desejo se direciona ao deus de sua religião, aos estudos, crescimento espiritual ou para os relacionamentos em comunidade, sobretudo, de amizade. Em questões de relacionamentos, o amor considerado inibido na meta, se distingue da exclusividade do amor genital a um único sujeito, estabelecendo-se, portanto, nas amizades que são relacionamentos importantes para a cultura (FREUD, 1930). Inclusive, é em vista disso também, que a vivência celibatária pode se encaixar como uma forma de amor inibido na meta.

Dessa maneira, o desejo encontra outras finalidades em questão de relacionamentos e também de atividades humanas, sendo uma forma de sublimação. Expressar o amor e direcionar a pulsão sexual em atividades das quais não há a satisfação sexual direta é uma característica humana desde os primórdios da civilização, uma vez que o que torna isso possível é a capacidade flexível da pulsão em conceder movimento ao ser humano, criar desejos e direcionar para as escolhas, desde uma atividade a um estilo de vida.

De tal forma que a pulsão sexual se mostra responsável por trazer vida e prazer à monotonia cotidiana, tornando “sublime”, ao sublimar, as mais variadas atividades humanas. Sem o desejo sexual não haveria vida humana, e é através da sublimação que o desejo redirecionado a outro objeto, inibido na meta, pode alcançar às mais diversas

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

áreas da vida humana, sem que haja o ato sexual em todas elas.

Tal importância do aspecto pulsional na vivência celibatária, verifica-se na fala do psicanalista Sandro Malanquini (2007, p. 207):

Para os que vivem de forma celibatária, é importante o modo de lidar com a sexualidade. Não se trata de coibir a sexualidade, mas de usá-la como fonte de vivacidade e de prazer na vida. Não se pode trancá-la, congelá-la ou excluí-la da vida. Assim, corre-se o risco de perder o calor humano, a cordialidade, a ternura e a humanidade. A ternura deve manifestar-se não só no trato com as pessoas, mas também com as coisas. Assim, um tratamento brutal com as coisas e com as pessoas manifesta, com frequência, uma sexualidade não integrada.

É nesse sentido que o celibato também pode ser uma forma de sublimação, trazendo vivacidade ao sujeito que o escolhe por meio do prazer redirecionado àquilo que ama, em evidência, neste caso, a relação com a religiosidade e seus aspectos relevantes, demonstrando tais características nas relações com os outros e com o próprio mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no percurso da presente pesquisa, a sexualidade humana se distingue do instinto animal, posto que não possui somente um destino, podendo criar e encontrar outras tentativas de satisfação ou de busca pela obtenção de prazer, além do ato sexual. Dessa forma, por meio da pulsão, nomenclatura dada por Sigmund Freud para expressar sobre a sexualidade humana, o ser humano é capaz de conceder outros destinos diferentes daquele natural, que era a união sexual ou amor genital, dentre eles a sublimação.

Essa pesquisa nos convocou, então, a pensar no celibato a partir de uma perspectiva psicanalítica, enquanto uma possibilidade de sublimação, uma vez que a vivência do celibato assegura-se no campo da cultura, sobretudo por meio da religiosidade, campo este que é inegavelmente o reduto da sublimação. Não se faz sublimação sem que se torne um

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

ser de cultura.

Ademais, em vista do exposto, conseguiu-se pensar nos diálogos entre a psicanálise a partir do conceito de pulsão e do celibato nas religiosidades como uma possibilidade de sublimação, na medida em que é capaz de promover prazer ao sujeito que o escolhe.

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

REFERÊNCIAS

1. BÍBLIA, Mateus. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 103.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2018. Mateus 19, vers. 12.
2. BÍBLIA, 1 Coríntios. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 103.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2018. 1 Coríntios 7, vers. 32.
3. BRUNET, Nathalia. **A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
4. CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**: volume 1 a - c. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002.
5. CRUXEN, Orlando. **A sublimação**. v. 2000. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 70p.
6. DIAS, Rafael Parente Pereira. **Budismo Tântrico: sexualidade e espiritualidade**. 2018. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Religião, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
7. FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
8. _____. **Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia de Letras, 2016.
9. _____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
10. JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan vol. 1: as bases conceituais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Revista Conhecendo Online: Humanas e Sociais
ISSN: 2359-5256 (Online)

11. LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Originalmente publicado em 1967)
12. MALANQUINI, Sandro. Religião e Sexualidade Humana: a vivência do celibato clerical à luz da psicanálise. **Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 5, p. 170-188, 2017.
13. MATHER, George; NICHOLS, Larry. **Dicionário de religiões, crenças e ocultismo**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000.
14. MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS - Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. **Reverso [online]**., v. 33, n. 62, p. 55-67, 2011.
15. MORANO, Carlos Dominguez. Sexualidade e Celibato: Considerações Psicanalíticas. **Revista de Estudos da Religião**, n. 1, p. 50-86, 2006.
16. NAKASU, Maria Vilela Pinto. Fronteiras da Sublimação: Notas sobre a Elaboração do Conceito. **Psicol. pesq. [online]**., v. 6, n. 1, p. 50-60, 2012.
17. OLIVEIRA, Arilson. Brahmacharya: a vida escolar hinduísta na Índia Antiga. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 4, n. 8, 2012.
18. OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.
19. PERES, Sérgio. "A noiva sublimada": estudo etnográfico sobre a construção do celibato feminino não religioso na terceira idade. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, v. 6, n. 11/12, p. 45-71, 2009.
20. SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2022.